

**ORALIDADE E ESCRITA:
O MODELO TEÓRICO DAS LINGUAGENS DA IMEDIATEZ
E DA DISTÂNCIA COMUNICATIVAS,
DE KOCH E ÖESTERREICHER²⁷**

Denise Durante (USP/UNIP)
denisedurante@uol.com.br

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre o modelo do contínuo concepcional das mensagens, desenvolvido por Peter Koch e Wulf Öesterreicher. É enfocada a obra *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano* (2007 [1990]), na qual os referidos autores expõem o modelo teórico da imediatez e da distância comunicativas. Também são consideradas as ideias de Wulf Öesterreicher em “Pragmatica del discurso oral” (1997) e “Lo hablado en lo escrito” (1998). São abordadas, portanto, as relações entre oralidade e escrita, visto que essa tem sido uma das questões relevantes nos estudos da linguagem nas últimas décadas.

Palavras-chave: Oralidade. Escrita. Contínuo.

1. Introdução

Ao se refletir sobre as modalidades oral e escrita da língua, uma das questões primordiais que se têm apresentado diz respeito à conceituação e à terminologia para o estudo dos dois modos de realização, tradicionalmente denominados “língua falada” e “língua escrita”. Um dos modelos teóricos que tentam equacionar a questão corresponde à teoria da imediatez e distância comunicativas, desenvolvida inicialmente pelos pesquisadores alemães Peter Koch e Wulf Öesterreicher, no artigo “Sprache der Nähe – Sprache der Distanz: Mundlichkeit und Schriflichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte”, de 1985, e no livro *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch* (1990). O livro foi traduzido para a língua espanhola, por Araceli López Serena, tendo sido publicado, na Espanha, em 2007, com o título *Lengua Hablada en la Romania: Español, Francés, Italiano*. Cabe indicar que a teoria é também abordada por Wulf Öesterreicher no artigo “Pragmatica del discurso oral” (1997). Essa teoria foi retomada nas pes-

²⁷ O presente estudo é parte de nossa pesquisa pós-doutoral, desenvolvida junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

quisas de autores brasileiros, entre os quais se destacam os trabalhos de Luiz Antônio Marcuschi (2004) e Hudinilson Urbano (2006; 2013). Ao estudarem as chamadas linguagens da imediatez e da distância comunicativas, Peter Koch e Wulf Öesterreicher incluíram-se entre os primeiros autores a considerarem a existência de um *continuum* entre os textos falados e escritos.

O objetivo geral de nossa pesquisa é oferecer uma leitura crítica do modelo teórico desenvolvido pelos estudiosos alemães Peter Koch e Wulf Öesterreicher (1985; 1990) sobre as chamadas linguagem da imediatez e da distância comunicativas. No que concerne aos objetivos específicos desta pesquisa, propõe-se a descrição dos aspectos gerais e específicos das chamadas “oralidade extrema” e “escrituralidade extrema”, na perspectiva de Peter Koch e Wulf Öesterreicher (1985; 1990). Busca-se analisar os dez parâmetros comunicativos do contínuo concepcional descritos pelos autores.

A pesquisa ora apresentada se inclui no âmbito da pesquisa teórica básica. Trata-se de uma pesquisa descritiva e explicativa, cujo objetivo central é a realização de um trabalho de revisão teórica. Portanto, para sua execução, utilizou-se principalmente a pesquisa bibliográfica, com a consulta a fontes secundárias.

2. Meio e concepção

Os limites entre a oralidade e a escrituralidade foram abordados pelos estudiosos alemães Peter Koch e Wulf Öesterreicher (2007), como dissemos inicialmente. Os autores reiteram que, mesmo na ciência linguística, os termos “falado”/“oral” e “escrito”/“escritural” são empregados, primeiramente, para se fazer referência à realização das expressões linguísticas na forma de sons ou de signos gráficos, ou seja, no que se refere ao meio ou suporte para a veiculação das mensagens. Conforme salientam os estudiosos, essa diferenciação é evidente, porém não é suficiente para explicar a complexidade da problemática oralidade/escrituralidade. (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007, p. 20)

Peter Koch e Wulf Öesterreicher observam que todos podemos perceber a existência de textos como orações fúnebres, explicações durante uma visita turística guiada ou um discurso de abertura, cuja “configuração linguística” não corresponde exatamente ao que entendemos por “oralidade”. Existem igualmente expressões linguísticas como notas ou

apontamentos de aulas, textos de balões de histórias em quadrinhos ou cartas pessoais cuja configuração também não corresponde exatamente ao que se entende por “escrituralidade”.

A presença de aspectos da “escrita” na “fala” e da “fala” na “escrita” podem ser percebidos intuitivamente por qualquer usuário da língua. As mútuas relações entre as modalidades falada e escrita da língua apontadas por Peter Koch e Wulf Österreicher, em publicação de 1990, nos remetem ao que indica Deborah Tannen no trecho abaixo, publicado em 1983:

*Past studies of spoken and written language have typically compared conversation to expository prose (or “essayist literacy” [Olson]). These genres have not been the focus of such research by chance. There is something typically spoken about conversation and something typically written about expository prose. But by limiting our analysis to these genres, we are likely to draw conclusions about spoken and written language that are incorrect. For instance, contrary to what a comparison of these genres suggests, strategies typically associated with spoken discourse can be and are used in writing, and strategies typically associated with written language are likewise realized in speech.*²⁸ (TANNEN, 1983, p. 80)

A autora interpreta as mútuas influências entre a fala e a escrita em termos de “estratégias tipicamente associadas com o discurso falado”, que são usadas na escrita, e “estratégias tipicamente associadas com a linguagem escrita”, que ocorrem na fala. Seria limitado, portanto, conforme aponta Deborah Tannen, adotarmos a conversação e a prosa expositiva como gêneros para a comparação entre a fala e a escrita. A conversação e a prosa expositiva teriam características específicas da fala e da escrita, respectivamente. Ao se comparar esses gêneros, perceber-se-ia que há estratégias da fala na escrita e de estratégias da escrita na fala. Se aceitarmos que a escrita é um produto da fala, devemos admitir que, em algum grau, mesmo aquela que pode ser chamada de “escrita prototípica”, ou seja, a prosa expositiva deve conter aspectos da fala. Ademais, é possível considerar a hipótese de que os textos da chamada “fala prototí-

²⁸ Estudos anteriores sobre as linguagens falada e escrita normalmente compararam a conversação com a prosa expositiva (ou “letramento ensaístico” [Olson]). Esses gêneros não foram o foco desse tipo de pesquisa por acaso. Há algo de tipicamente falado na conversação e algo de tipicamente escrito na prosa expositiva. Mas, ao limitarmos nossa análise a esses gêneros, tendemos a obter conclusões incorretas sobre as linguagens falada e escrita. Por exemplo, contrariamente ao que a comparação entre esses gêneros sugere, estratégias normalmente associadas com o discurso falado podem ser e são utilizadas na escrita, assim como estratégias normalmente associadas com a linguagem escrita são igualmente utilizadas na fala. (TANNEN, 1983, p. 80 – Tradução nossa)

pica”, ou seja, a conversação espontânea, em sociedades letradas, pode conter aspectos da escrita.

No segundo capítulo de *Lengua Hablada en la Romania* (2007 [1990]), intitulado “Oralidad y escrituralidad a la luz de la teoría del lenguaje”, Peter Koch e Wulf Öesterreicher apresentam os fundamentos de sua interpretação sobre os limites entre a oralidade e a chamada “escrituralidade”. Os autores informam que o romanista Ludwig Söll (1985, p. 17-25), na obra *Gesprochenes und geschriebenes Französisch*, publicada originalmente em 1974, na Alemanha, havia solucionado as contradições existentes entre os termos “fala” e “escrita”. Ludwig Söll distingue o meio de realização, que pode ser fônico ou gráfico, e a concepção, termo empregado no texto original em alemão) que pode ser falada ou escrita. Deve-se observar, portanto, que a diferenciação inicial entre meio e concepção textual é atribuída a Ludwig Söll.

Peter Koch e Wulf Öesterreicher enfatizam a ideia de que, entre o falado e o escrito, existe uma dicotomia estrita no âmbito do meio (que separa os códigos fônico e gráfico) e de que há um contínuo no âmbito da concepção. Os autores explicam não ser possível a “plena equivalência” das quatro possibilidades proporcionadas pela combinação entre o meio e a concepção, conforme explicam no seguinte trecho:

Naturalmente, con este esquema cuatripartito (fig. 1) no se postula en absoluto la plena equivalencia de las cuatro posibilidades que ofrece la combinación la medio y concepción. Obviamente, son indiscutibles las afinidades, es decir, las relaciones de preferencia, que se dan, respectivamente, entre hablado y fónico, por una parte (por ej., una conversación confidencial), así como entre escrito y gráfico (por ej., un artículo periodístico), por otra. No obstante, existen asimismo, como es evidente, las combinaciones escrito + fónico (por ej., un pregón de fiestas) y hablado + gráfico (por ej., una carta privada). De hecho, el principio imperante es que todas las formas de expresión, con independencia de su concepción, pueden ser transferidas desde su realización medial típica al otro medio.²⁹ (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007, p. 21)

²⁹ Naturalmente, com este esquema quadripartido (fig. 1) não se postula em absoluto a plena equivalência das quatro possibilidades que oferece a combinação meio e concepção. Obviamente, são indiscutíveis as afinidades, ou seja, as relações de preferência que se dão, respectivamente, entre falado e fônico, de um lado (por ex., uma conversação privada) assim como entre escrito e gráfico (por ex., um artigo de jornal), de outro lado. Não obstante, existem, assim mesmo, como é evidente, as combinações escrito + fônico (por ex., um discurso de abertura) e falado + gráfico (por ex., uma carta privada). Sendo assim, o princípio imperante é que todas as formas de expressão independentemente de sua concepção, podem ser transferidas desde sua realização medial típica ao outro meio. (KOCH & ÖESTERREICHER, 1990, p. 21 – Tradução nossa)

Os estudiosos apontam as “relações de preferência” que se verificam, respectivamente, entre falado e fônico, de um lado, como ocorre, por exemplo, em uma conversa íntima, assim como entre escrito e gráfico, como se dá, por exemplo, em um artigo de jornal. Mas, existem também as combinações entre escrito e fônico, como em um discurso de abertura, e entre falado e gráfico, como se pode verificar em uma carta pessoal. Essas últimas duas combinações talvez sejam aquelas menos evidentes quando se diferenciam textos falados e escritos. Um discurso de abertura, ainda que veiculado pelo meio sonoro, apresenta características da concepção textual escrita, assim como uma carta privada, veiculada pelo meio gráfico, pode apresentar aspectos da concepção dos textos falados. Sendo assim, conforme se observou inicialmente, a consideração exclusiva do meio para a caracterização dos textos como falados ou escritos pode se mostrar, como nos leva a concluir a reflexão de Peter Koch e Wulf Österreicher, limitada e imprecisa. Vale lembrar que esse aspecto foi também apontado por Domenico Parisi e Cristiano Castelfranchi (1977, p. 170), os quais afirmam que considerar apenas o meio físico para caracterizar a fala e a escrita é limitador, pois se excluem os aspectos cognitivos e sociais envolvidos com o uso dessas duas formas de comunicação.

3. *Imediatez e distância comunicativas*

Após a diferenciação inicial entre os aspectos medial e concepcional da oralidade e da escrita, ainda no segundo capítulo de *Lengua Hablada en la Romania*, Peter Koch e Wulf Österreicher retomam a definição de Coseriu sobre a linguagem humana e se dedicam à caracterização dos aspectos universais e idiomáticos da língua falada, nos níveis universal, histórico e individual. Os autores identificam os aspectos universais da oralidade e da escrituralidade considerados no plano da concepção. São arrolados os fatores essenciais da comunicação linguística: há o contato entre um emissor e um receptor; desse contato, se desenvolve um discurso ou texto relacionado a objetos e circunstâncias da realidade extralinguística; o discurso é produzido por meio de uma formulação situada em uma “zona de tensão” entre a linearidade dos signos linguísticos, as normas da língua histórica particular e a realidade extralinguística multidimensional; os participantes da comunicação, emissor e receptor, se situam em campos dêiticos pessoais, espaciais e temporais, em determinados contextos e em condições emocionais e sociais específicas (KOCH & ÖSTERREICHER, 2007, p. 25). Os estudiosos indicam pos-

sibilidades de variação de cada um desses fatores. Essa variação gera uma escala de condições de comunicação que fundamentam o contínuo concepcional entre a oralidade e a escrita.

Tendo em vista os fatores da comunicação linguística citados, Peter Koch e Wulf Öesterreicher elencam os seguintes parâmetros para a caracterização das mensagens verbais no contínuo concepcional falado/escrito:

- a) Grau de *privacidade* ou o caráter mais ou menos público da comunicação;
- b) Grau de *familiaridade* ou intimidade entre os interlocutores;
- c) Grau de *implicação emocional* em relação ao interlocutor e/ou ao objeto da comunicação;
- d) Grau de *entrelaçamento* ou “*ancoragem*” dos atos comunicativos em relação à situação ou à ação;
- e) *Campo referencial*, relacionado à distância dos objetos e pessoas referidas com relação a *origo*³⁰ (*ego-hic-nunc*) do falante;
- f) *Imediatez* ou *distância física dos interlocutores*, nos aspectos espacial e temporal;
- g) Grau de *cooperação*, considerado de acordo com as possibilidades de intervenção dos receptores na produção do discurso;
- h) Grau de *dialogicidade*, em que se destacam a possibilidade e a frequência para assumir o papel de emissor;
- i) Grau de *espontaneidade* da comunicação;
- j) Grau de *fixação temática*.

Diferentemente dos demais parâmetros, o parâmetro “F” é o único que não apresenta variação gradual ou escalar, pois diz respeito à imedia-

³⁰ O termo latino *origo* (“origem”) é utilizado por Peter Koch e Wulf Öesterreicher na obra *Lengua Hablada en la Romania: español, francés, italiano* (1997). O termo se refere às dêixis pessoal, espacial e temporal. Conforme explica Suadoni (2016, p. 27), o termo *origo* foi introduzido na linguística por Karl Bühler (1934) e, conforme comenta a autora, se pode resumir com a fórmula *ego, hic, nunc* (*eu, aqui e agora*). Vale informar que Peter Koch e Wulf Öesterreicher incluem uma referência a Karl Bühler logo após utilizarem a expressão “*origo del hablante*” (*origo* do falante), no seu texto em espanhol.

tez ou distância física entre os interactantes.

Observa-se que o parâmetro “a” envolve uma escala entre a máxima privacidade e o aspecto totalmente público da comunicação. Conforme Wulf Öesterreicher esclarece no texto *Pragmatica del discurso oral* (1997, p. 88), o grau de privacidade de um discurso é definido pelo número de interlocutores e pela existência ou não de um público e suas dimensões.

A variação escalar ocorre também com o parâmetro “b”, o qual manifesta uma gradação que se estende desde a familiaridade máxima até o desconhecimento total entre os coenunciadores. A familiaridade se relaciona com a experiência comunicativa conjunta prévia dos interlocutores, do conhecimento partilhado e mútuo entre eles e do grau de institucionalização da comunicação (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007, p. 26). Pode-se entender a “familiaridade” com o sentido de intimidade e proximidade, característica comum das interações com alto grau de privacidade (como a conversação entre familiares ou entre amigos), oposta à impessoalidade e à distância manifestas comumente nas interações públicas formais (como nas conferências acadêmicas). Notemos, portanto, que é possível estabelecer relações entre os parâmetros elencados por Peter Koch e Wulf Öesterreicher, como é o caso dos parâmetros da privacidade e da familiaridade.

Ainda no referido artigo *Pragmatica del Discurso Oral* (1997, p. 88), Wulf Öesterreicher explica sobre o parâmetro “c”. O autor esclarece que a emotividade ou a participação emocional pode dizer respeito ao interlocutor (o que também pode se relacionar com o parâmetro da familiaridade entre os interactantes) ou ao objeto da comunicação. Pode-se considerar, nesse parâmetro, a afetividade interpessoal, como em uma conversação entre um casal de namorados, e a afetividade ou expressividade “objetiva”, nos termos do autor, como pode ocorrer em uma discussão em uma reunião política. Observemos que Wulf Öesterreicher (1997, p. 88) apresenta dois exemplos de interações orais, sem especificar a implicação emocional na distância comunicativa, ou seja, em textos de concepção escrita. Percebe-se que, em mensagens da máxima distância comunicativa, o grau de implicação emocional é reduzido, porque, nessas mensagens, prevalece a busca pela descrição e reflexão relativamente objetiva sobre os fatos e fenômenos. Sobre esse aspecto, podem ser esclarecedoras as palavras de Aaron Victor Cicourel:

The reproduction of different kinds of knowledge (legal-rational, scien-

*tific, actuarial) is subjected to detached or impersonal written formats that seek to minimize the personal involvement of those producing organizational knowledge in bureaucratic settings. The bureaucratically, filtered written language used to depict objective knowledge lends itself to a crisp, factual, historical analysis. The everyday, contingent, often vagues circumstances that punctuate laboratory and field research, and the recursive editing practices, false starts, unexpected results and mistakes of scientific research, are purged in the construction of objective knowledge.*³¹ (CICOUREL, 1985, p. 183)

Nas mensagens dedicadas prioritariamente à veiculação de conhecimento e informação objetiva, como, por exemplo, documentação burocrática, peças judiciais, formulários e relatórios de empresas, prosa acadêmico-científica, o enunciador não se dedica ao estabelecimento de implicação emocional com o coenunciador e com o objeto da comunicação. Nessas mensagens, o que mais importa é a transmissão de informações e conteúdos, de modo que, intencionalmente, se busca reduzir ao máximo o envolvimento interpessoal e a expressão de emoções relacionadas ao conteúdo. Essa característica de diversas mensagens de concepção escrita ou da máxima distância comunicativa, produzidas nas sociedades de cultura escrita avançada, nos remetem ao que afirma Deborah Tannen ao comparar as tradições oral e escrita:

*In the broadest sense, strategies associated with oral tradition place emphasis on shared knowledge and the interpersonal relationship between communicator and audience. In this, it builds upon what Bateson (1972) calls the metacommunicative function of language: the use of words to convey something about the relationship between interlocutors. Literate tradition builds upon what Bateson calls the communicative function of language: the use of words to convey information or content. This gives rise to the idealization that language can be "autonomous" (Kay, 1977) – that is, that words can carry meaning all by themselves, and that this is their prime function. In practice, language is probably never wholly autonomous, nor wholly metacommunicative. Rather, it is relatively weighted in favor of one or the other idealization – hence, the oral/literate continuum.*³² (TANNEN, 1980,

³¹ A reprodução de diferentes tipos de conhecimentos (legal-racional, científico, atuarial) é submetida a formatos escritos destacados ou impessoais que procuram minimizar o envolvimento pessoal em relação àqueles que produzem o conhecimento organizacional em contextos burocráticos. A linguagem escrita burocraticamente filtrada e usada para descrever o conhecimento objetivo a conduz a uma análise histórica fragmentada e factual. As circunstâncias cotidianas, contingentes e frequentemente vagas que caracterizam a pesquisa de campo e de laboratório, bem como as repetitivas práticas de edição, falsos começos, resultados inesperados e erros da pesquisa científica são removidos na construção do conhecimento objetivo. (CICOUREL, 1985, p. 183 – Tradução nossa)

³² No sentido mais amplo, as estratégias associadas com a tradição oral enfatizam o conhecimento partilhado e a relação interpessoal entre o comunicador e o público. Nesse aspecto, ela se estrutura com base no que Bateson (1972) chama de função metacomunicativa da linguagem. O uso de pala-

Tendo em vista o que afirma Deborah Tannen, podemos dizer que a ideia de que as mensagens da máxima distância comunicativa manifestam baixo grau de implicação emocional enquanto as mensagens da máxima imediatez comunicativa apresentam alto grau de implicação emocional pode conduzir a idealizações, permitindo a possibilidade de acreditarmos que a linguagem possui caráter “autônomo”, como diz Deborah Tannen no trecho acima citado. Sendo assim, seria adequado considerar que há uma *tendência*, na distância comunicativa, a minimizar, de modo intencional, o envolvimento emocional com o conteúdo e o coenunciador, assim como há uma *tendência* inversa a essa nas mensagens da imediatez comunicativa. Evidenciar-se-ia, assim, a existência de uma variação gradual e escalar do parâmetro “c”.

Em relação ao parâmetro “d”, Wulf Öesterreicher (1997, p. 89) explica que o grau de inserção ou de ancoragem dos atos comunicativos à situação ou à ação pode ser máximo como se dá, por exemplo, quando um médico está operando um paciente e pede um bisturi. O grau de ancoragem pode ser mínimo, de acordo com o autor, em um texto jurídico que se refira a sujeitos abstratos, a delitos não cometidos ou até “irreais”.

Ainda em *Pragmatica del Discurso Oral*, Wulf Öesterreicher identifica o parâmetro “e” como o tipo de referência, definido pelo grau de proximidade ou distância das pessoas ou dos objetos citados no discurso, tendo-se sempre em vista o *ego-hic-nunc* do locutor. Em seguida, o autor comenta o parâmetro “f” e diz que a posição local e temporal dos interlocutores é o que determina o tipo de contato. Sendo assim, devem-se distinguir as interações face a face em relação a todos os outros tipos de interações com diferentes graus de separação local e temporal nos âmbitos tanto da produção quanto da recepção dos discursos.

Sobre o grau de cooperação, Wulf Öesterreicher (1997, p. 89) afirma que esse parâmetro se refere ao receptor e sua interferência na produção dos enunciados. A cooperação envolve não somente aspectos

vas para transmitir algo sobre o relacionamento dos interlocutores. A tradição escrita se estrutura com o que Bateson chama de função comunicativa da linguagem: o uso de palavras para transmitir informação ou conteúdo. Isso dá origem à idealização de que a linguagem pode ser autônoma (KAY, 1977), ou seja, de que as palavras podem conduzir o significado por elas mesmas e que é esta a principal função delas. Na prática, a linguagem provavelmente nunca é totalmente autônoma, nem totalmente metacomunicativa. Pelo contrário, ela é relativamente enfatizada em favor de uma ou de outra idealização – ou seja, o contínuo oral/escrito.

verbais (perguntas, propostas, correções, informações suplementares), mas inclui igualmente o nível de atenção e de reação do receptor ao expressar-se com olhares, expressões mímicas, posição corporal, risadas e cliques, por exemplo.

Ao comentar o parâmetro “h”, Wulf Öesterreicher salienta que a dialogicidade e a cooperação devem ser diferenciadas. Segundo ele:

*La dialogicidad se define por la posibilidad y la frecuencia con la que los interlocutores asumen espontaneamente el papel de locutor; compárese una conversación entre amigos con la lectura de la sentencia en un tribunal: en el primer caso la comunicación es simétrica, dialogada; en el segundo, claro está, asimétrica, monológica.*³³ (ÖESTERREICHER, 1997, p. 89)

A dialogicidade diz respeito, portanto, na perspectiva teórica dos autores, exclusivamente à possibilidade de desempenhar o papel de emissor em uma interação. Como sabemos, a alternância no desempenho do papel de emissor é frequente na interação de concepção oral ou da imediatez comunicativa, enquanto as mensagens de concepção escrita ou da máxima distância comunicativa se caracterizam pela “monologicidade”.

Sobre o parâmetro “i”, ou seja, o grau de espontaneidade, Wulf Öesterreicher esclarece que se refere ao “[...] *nível de libertad de participación y de comportamiento entre los hablantes*”³⁴ (1997, p. 89). Nesse parâmetro, inclui-se o grau de institucionalização ou de formalidade da comunicação. Ao se interpretar a “espontaneidade”, mencionada pelo autor, como sinônimo de “naturalidade”, ou seja, como uma comunicação “sem artificialismos ou elementos ensaiados ou estudados” ou “que se faz sem intervenção da vontade ou que se exprime irrefletidamente”, conforme definição de “espontâneo”, do *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), pode-se entendê-la como resultado de uma comunicação com baixo grau de planejamento, como é o caso da conversação informal, típica da máxima imediatez comunicativa, enquanto a linguagem da máxima distância comunicativa se caracteriza pelas amplas condições de planejamento e pela formalidade.

³³ A dialogicidade se define pela possibilidade e a frequência com que os interlocutores assumem espontaneamente o papel de locutor; compare-se uma conversação entre amigos com a leitura da sentença em um tribunal: no primeiro caso, a comunicação é *simétrica, dialogada*; no segundo, fica claro, *assimétrica, monológica*. (ÖESTERREICHER, 1997, p. 89 – Tradução nossa)

³⁴ [...] *nível de liberdade de participação e de comportamento entre os falantes*. (ÖESTERREICHER, 1997, p. 89 – Tradução nossa)

Em relação ao último parâmetro, ou seja, ao grau de fixação ou de determinação temática, Wulf Österreicher comenta: “*Estas son mínimas en la conversación familiar; son, sin embargo, obligatorias, p. ej., en una conferencia científica etc.*”³⁵ (1997, p. 89). A definição precisa do tema e sua abordagem aprofundada são características típicas da distância comunicativa, enquanto a liberdade na mudança de temática e a análise menos detida ou superficial pode ser relacionada como uma característica da imediatez comunicativa, o que também se pode relacionar, a nosso ver, com as escassas condições de planejamento dos discursos imediatos.

Considerados os dez parâmetros acima caracterizados, deve-se ter em vista que a ideia de uma gradação que se estabelece em um contínuo não se relaciona somente com a classificação linear das realizações linguísticas em uma linha delimitada por dois polos opostos entre a fala e a escrita. Para Peter Koch e Wulf Österreicher, nove dos dez parâmetros se manifestam em uma escala gradual e escalar.

Por meio da consideração dos valores paramétricos, podem-se identificar dois polos nas extremidades do contínuo falado/escrito. No polo da máxima imediatez comunicativa (falado), combinam-se os seguintes valores paramétricos: privacidade, familiaridade, forte implicação emocional, ancoragem à situação e ação comunicativas, referenciação com relação à *origo* do falante, imediatez física, máxima cooperação na produção, alto grau de dialogicidade, liberdade temática e espontaneidade máxima. Já no polo da máxima distância comunicativa (escrito), tem-se: o caráter público da comunicação, o desconhecimento entre os interlocutores, falta de implicação emocional, destacamento/desvinculação em relação à situação e à ação comunicativas, impossibilidade de dêixis referida à *origo* do falante, distância física, ausência de cooperação na produção, “monologicidade”, fixação temática e máxima reflexividade. (KOCH & ÖSTERREICHER, 2007, p. 29)

Para exemplificar a presença dos parâmetros comunicativos no discurso, os autores os aplicam a uma carta pessoal privada prototípica, que se caracterizaria por: a) privacidade; b) familiaridade entre os interlocutores; c) envolvimento emocional relativamente forte; d) ausência de ancoragem à situação, ou talvez uma ancoragem limitada na ação; e) im-

³⁵ Tradução: “Estas são mínimas na conversação familiar; são, no entanto, obrigatórias, por exemplo, em uma conferência científica etc.”. (ÖSTERREICHER, 1997, p. 89)

possibilidade, a princípio, de dêixis centrada na *origo* do falante, exceto com relação ao *ego*; f) distância física; g) impossibilidade de cooperação na produção; h) dialogicidade estritamente regulada (*intercâmbio* de correspondência); i) espontaneidade relativa; j) desenvolvimento temático livre. Os autores oferecem a representação gráfica abaixo para ilustrar a aplicação dos dez parâmetros comunicativos em uma carta privada:

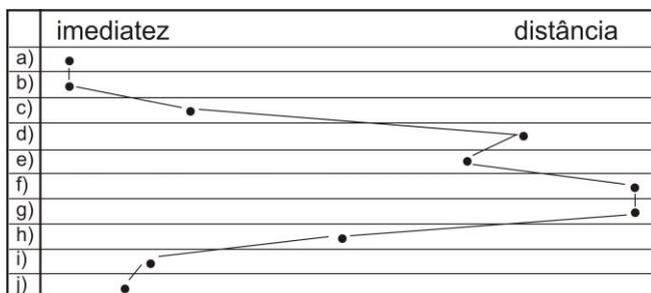


Figura 1. Valores paramétricos comunicativos da carta privada prototípica
 Fonte: KOCH & ÖESTERREICHER (2007, p. 27)

Além dos parâmetros acima citados, Peter Koch e Wulf Öesterreicher (2007, p. 31) descrevem as estratégias de verbalização universais empregadas pelos falantes. São consideradas pelos autores quatro “classes de contextos” em que se ancoram os discursos: 1) contexto situacional; 2) contexto cognitivo que se subdivide em (a) contexto cognitivo individual e (b) contexto cognitivo geral; 3) contexto comunicativo linguístico ou cotexto; 4) outros contextos comunicativos como (a) contexto paralinguístico e (b) contexto comunicativo não linguístico. Os contextos 1, 2 e 4 são analógicos ou contínuos, enquanto 3 é digital e constituído por “unidades discretas claramente identificáveis”, nos termos dos autores.

Peter Koch e Wulf Öesterreicher (2007, p. 32) afirmam que a comunicação imediata extrema envolve os quatro tipos de contextos citados. Na comunicação distante extrema, há limitações concernentes ao contexto situacional (1) e aos contextos paralinguístico ou extralinguístico (4a e 4b, respectivamente). O contexto cognitivo individual é igualmente restringido nas comunicações em que há desconhecimento total entre os coenunciadores. As restrições relacionadas ao contexto na comunicação da distância extrema promovem a ampliação do papel do contexto linguístico (3). A informação contextual se manifesta em cotexto, diferenciando-se do que se percebe na imediatez comunicativa extrema. Já o contexto cognitivo geral é imprescindível em qualquer forma de comunicação. (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007, p. 32)

Os autores alemães observam que o grau de planejamento dos discursos é alto na distância comunicativa e escasso na linguagem da imediatez. Sendo assim, a linguagem da imediatez é marcada pela efemeridade e pela construção processual. Ela apresenta “verbalização parca” e uma “configuração do discurso frequentemente extensiva, linear e agregativa”, com enunciados incompletos e uso da parataxe. Tratar-se-ia de uma linguagem cuja densidade informativa seria menor em relação à linguagem da distância. Esta linguagem seria caracterizada pela verbalização “intensiva e compacta”, alta densidade e rápida progressão informativas. Peter Koch e Wulf Öesterreicher afirmam não ser surpreendente o fato de que os discursos construídos com essas características sejam considerados como protótipo de “texto”³⁶. Sendo assim, eles explicam que adotam o vocábulo “texto” com o sentido de “discurso da distância”. Essa associação entre “texto” e “linguagem da distância comunicativa” é percebida pelos autores como elemento propiciador para a compreensão das “afinidades” entre o meio gráfico e a distância comunicativa e o meio fônico e a imediatez comunicativa.

Para ilustrar o contínuo entre a imediatez e a distância comunicativas, Peter Koch e Wulf Öesterreicher apresentam a seguinte figura:

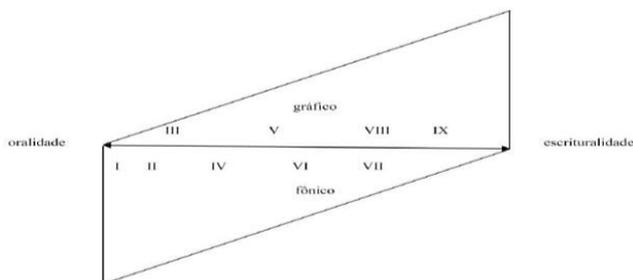


Fig. 2. Contínuo entre imediatez e distância comunicativas

Fonte: KOCH & ÖESTERREICHER (2007, p. 34)

Na figura acima, vê-se uma linha horizontal contínua entre a imediatez e a distância comunicativas entre a oralidade e a escrituralidade. Os algarismos romanos indicam, segundo os autores (2007, p. 35), as se-

³⁶ No capítulo 3, de *Lengua hablada en la Romania* (2007, p. 53), Peter Koch e Wulf Öesterreicher explicam que não se utilizam do conceito de texto adotado pela Linguística Textual. Segundo eles, essa abordagem reduz “texto” a uma ‘sequência oracional’ (transfrástica) e apresentam regras de coerência e coesão que, para eles, só têm validade para os discursos escritos, ou seja, o que eles designam como “discurso da distância”.

guintes formas de comunicação: I. conversação familiar; II. conversação telefônica privada; III. carta privada; IV. entrevista de emprego; V. versão impressa de uma entrevista; VI. sermão; VII. conferência científica; VIII. artigo editorial; IX. texto jurídico. Apresentam-se, nessa figura, tanto os aspectos da concepção quanto o aspecto medial em que se distribuem e se localizam as nove formas de comunicação acima elencadas.

4. Variedades idiomáticas e oralidade

Após descreverem o contínuo concepcional da imediatez e da distância comunicativas, Peter Koch e Wulf Öesterreicher refletem, ainda no capítulo “Oralidad y escrituralidad a la luz de la teoría del lenguaje”, do livro *Lengua hablada en la Romania*, sobre as relações entre variedades idiomáticas e língua falada. Os autores voltam a considerar os aspectos universais e idiomáticos da língua falada, nos níveis universal, histórico e individual. Segundo eles, o contínuo falado/escrito pode ser designado como: contínuo entre *língua imediata* e *língua distante*, considerando-se o nível histórico das línguas particulares (idiomas); contínuo entre *tradição discursiva imediata* e *tradição discursiva distante*, no nível histórico das tradições discursivas; contínuo entre *discurso imediato* e *discurso distante*, no nível atual ou individual.

Peter Koch e Wulf Öesterreicher ressaltam a consideração do nível universal para se abordar as relações entre imediatez e distância comunicativa. Eles salientam que as relações entre oralidade e escrituralidade foram consideradas tradicionalmente somente no nível histórico-idiomático:

Tradicionalmente, los problemas de la oralidad y la escrituralidad conceptuales se han tratado exclusivamente en el nivel histórico-idiomático. Hasta ahora hemos mostrado la importancia crucial del nivel universal para esta cuestión. Pero en lo sucesivo es también indispensable ocuparse de la lengua de la imediatez y de la distancia comunicativa en el nivel histórico-idiomático, lo que implica la consideración de su relación con el diassistema variacional (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007, p. 36).³⁷

³⁷ Tradicionalmente, os problemas da oralidade e da escrituralidade concepcionais foram tratados somente no nível histórico-idiomático. Até agora, mostramos a importância crucial do nível universal para essa questão. Porém, sucessivamente, também é indispensável ocupar-se da língua da imediatez e da distância comunicativa no nível histórico-idiomático, o que implica a consideração de sua relação com o diassistema variacional. (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007, p. 36)

Sobre a historicidade linguística, os teóricos apontam dois aspectos que se relacionam: a diversidade linguística, que caracteriza as diversas línguas históricas, e a variação linguística intraindiomática, manifestada em todas as línguas. Sendo assim, os autores retomam as três dimensões da variação linguística das línguas históricas estabelecidas por Coseriu, ou seja, as conhecidas variações diatópica, diastrática e diafásica, que conjuntamente formam o diassistema linguístico.

Para os autores, é primordial acrescentar uma quarta dimensão variacional: a variação falado/escrito. Além disso, essa dimensão, segundo eles, constituiria a dimensão central do diassistema variacional das línguas históricas.

A centralidade da dimensão falado/escrito se justificaria por envolver todos os fatos linguísticos histórico-idiomáticos resultantes das condições comunicativas e estratégias de verbalização, ambas não especificamente idiomáticas (KOCH & ÖESTERREICHER, 2007). A dimensão variacional falado/escrito, classificada pelos autores como dimensão variacional 1, englobaria tanto aspectos universais quanto fatos histórico-idiomáticos das línguas. Os autores ressaltam que as condições de uso de fatos histórico-idiomáticos, por exemplo, não podem ser entendidas no plano da variação diafásica. As condições de uso só poderiam ser explicadas pelos termos falado/escrito ou imediatez/distância. Há, segundo eles, fatos linguísticos que não podem ser identificados como elementos de variedades diatópicas, diastráticas e diafásicas. Seria o caso de orações como: “*No lo he leído, el libro*”, da língua espanhola; “*Je ne l’ai pas lu, le livre*”, da língua francesa; e “*Non l’ho letto, il libro*”, em língua italiana. Tratar-se-ia de fatos pertencentes à fala, ocasionados pelas condições comunicativas da imediatez (*op. cit.*, p. 37). No português, em sua variedade brasileira falada, poderia ser equivalente aos exemplos citados pelos autores, o emprego de: “Não li ele, o livro”.

A interrelação entre as quatro dimensões variacionais é designada pelos autores como uma “cadeia variacional” (*Varietätenkelle*, no texto em alemão, e *cadena variacional*, na tradução em espanhol). Essa cadeia opera de modo que o diatópico pode funcionar como diastrático, por exemplo, e uma variante diastrática pode funcionar também como variante diafásica.

Deve-se lembrar também que, no artigo “Linguagem da imediatez – linguagem da distância”, os autores indicam a proximidade de algumas das variedades com a oralidade e rejeitam a restrição da diferenciação en-

tre oral e escrito à dimensão diafásica:

[...] naturalmente, existem afinidades entre a linguagem oral e a escrita e determinadas variações dentro das três dimensões do diassistema. Desse modo, variedades diatópicas fortemente marcadas (dialetos, regioletos) possuem proximidade com a oralidade, assim como variedades diastráticas classificadas como “baixas” (“linguagem popular”, gírias). Do ponto de vista da variação diafásica, a proximidade de registros “inferiores” (familiar, vulgar etc.) com a oralidade é tão evidente que, ao longo da história das pesquisas linguísticas, não raramente foi estabelecida uma identificação entre ambos como, por exemplo, no conceito de “língua coloquial” (*Umgangssprache*). A diferenciação entre os conceitos “oral” e “escrito” não pode ser subordinada à dimensão diafásica, o que é comprovado pela seguinte observação (cf. capítulo 5): a colocação de ocorrências linguísticas em uma escala relativa à oralidade não corresponde à colocação da mesma ocorrência em uma escala relativa à escrituralidade. Tão grande é a falta de correspondência que, por exemplo, o registro escrito “familiar” corresponde ao registro oral “neuro”. (KOCH & ÖESTERREICHER, 2013, p. 155)

Entretanto, no referido artigo publicado em 1985, os autores ainda não haviam exposto o contínuo entre oralidade e escrituralidade no interior do diassistema variacional com quatro dimensões.

Vejamos a seguir a figura com que Peter Koch e Wulf Öesterreicher ilustram, no livro *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*, o diassistema variacional, incluindo a dimensão falado/escrito ou imediatez/distância. Observe-se que o contínuo entre oralidade e escrituralidade se inclui na primeira seção da figura:

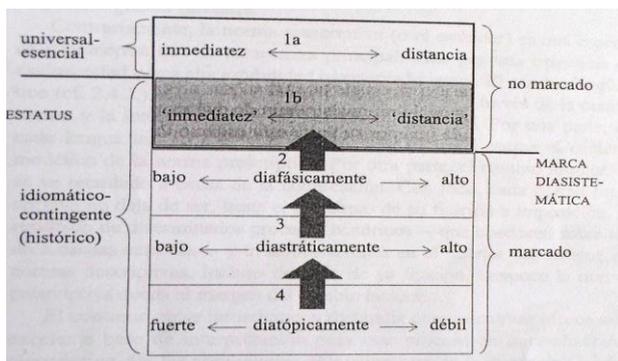


Fig. 3. O espaço variacional histórico-idiomático entre imediatez e distância comunicativas. Fonte: KOCH & ÖESTERREICHER, (2007, p. 39)

Na parte esquerda da dimensão 1 da figura, situa-se o que os autores designam “língua falada em sentido estrito”. E, na parte esquerda das dimensões 1, 2, 3 e 4 da figura, localiza-se o que eles chamam de “língua

falada em sentido amplo”. A dimensão variacional falado/escrito ou oralidade/escrituralidade divide-se em duas seções, visto que engloba as características universais da língua falada em relação à escrita, bem como fatos históricos idiomáticos. A dimensão variacional 1 é central e admite elementos de todas as outras três dimensões.

Conforme afirma Serena, a inclusão da variação oral/escrito ao modelo coseriano da variação linguística é o aspecto mais controverso da teoria de Peter Koch e Wulf Österreicher:

Éste es, sin duda alguna, el punto más polémico de la propuesta teórica defendida por nuestros autores y el que menor adhesión suscita por parte de otros lingüistas, que sostienen la pertenencia y reducción de la dimensión ‘hablado/escrito’ a la ya conocida dimensión diafásica, en vista de que ambos tipos de variación lingüística están en relación con las condiciones variables de la situación de comunicación. (SERENA, 2002, p. 261).³⁸

É pertinente a observação da tradutora sobre a escassez da argumentação dos autores sobre a quarta dimensão da variação linguística. São dedicadas apenas quatro páginas (37 a 40) do livro para a explanação sobre o tema. Além disso, seria necessária, como ela enfatiza, a delimitação precisa de quais aspectos situacionais envolveria a diafasia e quais desses aspectos estariam incluídos na perspectiva concepcional.

Após a formulação da variação linguística quadridimensional, com a ênfase na centralidade da dimensão falado/escrito, Peter Koch e Wulf Österreicher abordam a relação entre o contínuo entre imediatez e distância comunicativa e o processo de normalização prescritiva das línguas.

O estabelecimento de uma norma prescritiva ou a chamada língua *standard* (ou língua padrão) estaria relacionado a condições como a ampla distância temporal e/ou espacial de uma dada comunicação. Sendo assim, a distância física, no espaço e no tempo, e o desconhecimento entre os interlocutores conduziria ao emprego de elementos de prestígio das variedades diastráticas e diafásicas, os quais, segundo eles coincidem com elementos da norma prescritiva, que, por sua vez, corresponde à língua da distância por excelência (KOCH & ÖSTERREICHER, 2007, p.

³⁸ Este é, sem dúvida alguma, o ponto mais polémico da proposta teórica defendida pelos nossos autores e o que tem menor adesão por parte de outros lingüistas, que consideram o pertencimento ou a redução da dimensão ‘falado/escrito’ à já conhecida dimensão diafásica, tendo em vista que ambos os tipos de variação linguística se relacionam com as condições variáveis da situação de comunicação. (SERENA, 2002, p. 261 – Tradução nossa)

42). Os elementos da norma prescritiva estariam situados na parte direita da figura acima reproduzida.

Com as ideias expressas pelos autores, pode-se associar, portanto, o uso da norma prescritiva como uma característica das mensagens verbais de concepção escrita. Isso implica a ideia de que as mensagens de concepção falada tendem a se afastar das regras prescritas pela língua padrão ou *standard*, em razão, em parte, da proximidade (espacial e temporal) e do mútuo conhecimento dos interlocutores. Aceitando-se essa ideia, deve-se considerar também que a ampla possibilidade de planejamento das mensagens de concepção escrita favorece a sua aproximação à língua padrão, enquanto as restritas condições de planejamento das mensagens de concepção falada (em relação às mensagens de concepção escrita) levaria ao distanciamento dessas mensagens em relação ao padrão prescritivo. Caberia, nesse sentido, identificar-se como se manifesta o uso da norma prescritiva nas mensagens de concepção escrita veiculadas pelo código fônico e nas mensagens de concepção oral veiculadas pelo código gráfico.

5. *Considerações finais*

Buscamos, neste trabalho, descrever e analisar as ideias propostas por Peter Koch e Wulf Öesterreicher sobre as linguagens da imediatez e distância comunicativas. As ideias ora discutidas se incluem em nossa pesquisa pós-doutoral em andamento, de modo que poderão ser ainda complementadas e ampliadas. Intencionamos apresentar brevemente os conceitos e pressupostos centrais do modelo teórico desenvolvido pelos referidos autores, visto que ele pode nos oferecer possibilidades para se equacionar possíveis imprecisões conceituais e terminológicas no que concerne aos estudos do que convençionamos chamar de “língua falada” e “língua escrita”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÜHLER, Karl. *Sprachtheorie*. Die Darstellungsfunktion der Sprache. Jena: Gustav Fischer, 1934.

CICOUREL, Aaron Victor. Text and discourse. *Annual Review of Anthropology*, vol. 14, p. 159-185, 1985. Disponível em:

<http://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev.an.14.100185.0>

01111>. Acesso em: 09-01-2016.

HOUAISS, Antônio. *Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 03-11-2016.

KOCH, Peter; ÖESTERREICHER, Wulf. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz: Mundlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanistisches Jahrbuch*, n. 36, p. 15-43, 1985.

_____. Linguagem da imediatez – linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. Tradução: Hudinilson Urbano e Raoni Caldas. *Revista Linha D'Água*, n. 26, vol. 1, p. 153-174, 2013 [1985]. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/55677/60935>>.

_____. *Lengua hablada en la Romania*: español, francés, italiano. Madrid: Gredos, 2007 [1990].

_____. Pragmática del discurso oral. In: BERG, Walter Bruno; SCHÄFFAEUR (Eds.). *Oralidad y argentinidad. Estudios sobre la función del lenguaje hablado en la literatura argentina*. *ScriptOralia*, n. 98. Tübingen: Gunter Narr Verlag Tübingen, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.

ÖESTERREICHER, Wulf. Lo hablado en lo escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a una tipología. *Oralia*, n. I, p. 317-340, 1998.

PARISI, Domenico; CASTELFRANCHI, Cristiano. *Scritto e Parlato. Studi di Grammatica Italiana 6*. Firenze: Accademia della Crusca, 1977, p. 169-190.

SERENA, Araceli López. “Peter Koch y Wulf Öesterreicher (1990): *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*, Tübingen, Max Niemeyer, 1990, X + 266 p. (Romanistische Arbeitshefte, 31)”. *Revista Lexis*, Peru, 2002, p. 255-271.

SUADONI, Anna. *Verbos de movimiento, deixis y proyección metafórica. El caso de andare y venire en contraste con ir y venir*. Tese (Doutorado em Linguística). Granada: Universidad de Granada, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10481/39788>>. Acesso em: 01-08-2016.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

TANNEN, Deborah. Spoken/Written Language and the Oral/Literate Continuum. *Proceedings of the Sixth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, 1980, 207-218. Disponível em:

<<http://www.deborahannen.com/s/spoken-written-language-and-the-oral-literate-continuum.pdf>>.

URBANO, Hudinilson. A perspectiva do sonoro na oralidade e escrituralidade. In: PRETI, Dino; LEITE, Marli Quadros (Orgs.). *Comunicação na fala e na escrita*. Série Projetos Paralelos, vol. 12. São Paulo: Humanitas, 2013, p. 173-208.

_____. Usos da linguagem verbal. In: PRETI, Dino (Org.). *Oralidade em diferentes discursos*. Série Projetos Paralelos, vol. 8. São Paulo: Humanitas, 2006, p. 19-55.